

O
ANTIMODERNISTA:
GRACILIANO
RAMOS
E 1922

THIAGO
MIO SALLA
&
IEDA
LEBENSZTAYN
(ORGS.)

1ª EDIÇÃO



EDITORARECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2022

SUMÁRIO

<i>Nota dos organizadores</i>	7
<i>Apresentação: Ramos intrincados de um antimodernista</i>	11

I. CRÔNICAS

Chavões	87
O teatro de Oswald de Andrade	91
Conversa de livraria	93
Os tostões do sr. Mário de Andrade	97
Os sapateiros da literatura	99
Uma justificação de voto	103
Decadência do romance brasileiro	109
Dois mundos	115
Discurso à célula Teodoro Dreiser I	119
Discurso na ABDE	127
Uma palestra	131

II. ENTREVISTAS

O modernismo morreu?	137
Depoimento de duas gerações	143

Como eles são fora da literatura: Graciliano Ramos	145
Carta do Brasil: Graciliano Ramos fala ao <i>Diário Popular</i> acerca dos modernos romancistas brasileiros	161
Nossos escritores — Graciliano Ramos: “Sempre fui antimodernista”; “Traços de identidade”	165
Graciliano Ramos: romance é tudo nesta vida	175

III. CARTAS

Carta a Joaquim Pinto da Mota Lima Filho. Palmeira, 18 de agosto de 1926	185
Carta a Heloísa de Medeiros Ramos. São Paulo, 1º de março de 1937	189
Carta a Heloísa de Medeiros Ramos. Rio, 3 de março de 1937	193

IV. MEMÓRIAS E HISTÓRIA

<i>Pequena história da República</i> , “1922”	199
<i>Memórias do cárcere</i> , Parte II — Pavilhão dos Primários, Capítulo XIV	201
<i>Notas</i>	207
<i>Bibliografia</i>	279

NOTA DOS ORGANIZADORES

É o diabo: onde o tempo para ler tantos livros dedicados ao centenário da Semana de Arte Moderna? Porém, se é moda comemorar o modernismo e outras efemérides, consulte-se o dicionário: desde sua etimologia, ele registra o que se diz (*dictiones*) e nos ajuda a pensar na origem de palavras como *moda* e *modernismo*, *efeméride* e *efêmero*. *Moderno* vem do latim *modernus*, “atual, contemporâneo”, da mesma fonte de *moda*, *modus*, “costume”, “maneira”. E *efemérides* (do grego *ephemeros*, de *epi-*, “sobre”, e *hemera*, “dia”, ou seja, “o que dura só um dia”), acontecimentos importantes, são também diários, tabelas das posições de astros, com duração de um dia e indispensáveis para a navegação.

Assim, na atualidade digital tantas vezes sem tato, ante a fugacidade de tudo, talvez valha analisar as efemérides no sentido de divisar rumos. Delineia-se então o propósito de conhecer e compreender melhor a história e a literatura, em especial os vínculos de Graciliano Ramos e o modernismo, refletir sobre os critérios de permanência de obras de arte e criar um olhar crítico para a realidade atual.

Para tanto, nada melhor do que olhar para 1922 a contrapelo, a partir da perspectiva de um artista que visceralmente recusa o fascínio pelo novo, que duvida da ode ao progresso e de todos os seus corolários, que rejeita as facilidades disruptivas advindas da negação peremptória do

passado. Em outros termos, trata-se da visada de um antimoderno, isto é, de um escritor que, tragado pela corrente da modernidade, recusa-a, confronta-a. Tamaña força negativa que brota da pena de Graciliano consolida-se como consciência crítica e autocrítica e, como não poderia deixar de ser, coloca o autor alagoano na contracorrente do triunfalismo do modernismo da Semana.

Mas é bom que se evitem confusões. Conforme lembra Compagnon, não se poderia confundir tal espécie de escritores com os tradicionalistas e reacionários. Diferentemente desses, os antimodernos não seriam outros senão os modernos, “os verdadeiros modernos, aqueles que o moderno não engana, aqueles que sabem”.¹ Graciliano, melindrado pelas agruras e angústias da civilização ocidental, manifesta tal postura pessimista e vigilante de modo contínuo, quer na intimidade das cartas, desde os anos 1920, quer em entrevistas e textos publicados em jornais no início dos anos 1950, quando a morte já dele se avizinhava. Sendo assim, o autor de *Angústia* poderia ser descrito como um “antimodernista moderno” ou um “modernista antimoderno”.² Ambos os enquadramentos enfatizam um artista audacioso que viveu a modernidade como uma espécie de pesadelo e se colocou na posição de denunciar as ambivalências e embustes do modernismo brasileiro em sua euforia de cantar os novos tempos.

Sem usar o mesmo rótulo, Otto Maria Carpeaux, no princípio dos anos 1940, já evidenciava a faceta antimoderna e, por conseguinte, antimodernista da obra de Graciliano, ao descrever o lirismo do autor como “amusical, adinâmico, estático, sóbrio, clássico, classicista”, traindo, em alguns momentos, seu oculto passado parnasiano.³ Esteticamente, o escritor alagoano trabalharia não no sentido de agitar o convulso turbilhão da vida moderna que devorava os homens, mas sim de fixá-lo, de entalhá-lo, tendo em vista a sua superação, a sua destruição. Não por acaso, Graciliano recebe do crítico o epíteto de “clássico deste mundo da

morte”, lugar infernal cujas bases demoníacas se assentavam na cidade, no “edifício da nossa civilização artificial”.⁴

Para apresentar aos leitores a faceta mais aparente desse Graciliano antimodernista, e por isso mesmo visceralmente moderno em sua negatividade, procuramos reunir nesta obra textos de diferentes gêneros nos quais o autor de *Angústia* se manifestou quer a respeito do modernismo de 1922, quer, mais especificamente, a respeito de figuras de relevo do movimento. Os escritos encontram-se dispostos em ordem cronológica de sua publicação, organizados nas seguintes seções: crônicas, entrevistas, cartas, memórias e história.

No percurso argumentativo da grande maioria dos escritos aqui recolhidos, Graciliano não aborda o modernismo de modo exclusivo. Usualmente, tal assunto se dilui em meio a outros pelos quais suas cartas, crônicas, entrevistas e memórias costumam flunar. De todo modo, essa aparente dispersão converte-se em recorrência e permanência quando se examina, em perspectiva, a constância de seus ataques ao movimento: de 1926 a 1952, o romancista das *Vidas secas* faz ecoarem suas críticas, variando-as em intensidade e extensão. Assim, o conjunto que dá corpo a este *O antimodernista* acaba por instaurar um novo e imprevisto diálogo entre produções gracilianas extraídas de fontes diversas, demandando do leitor um novo olhar capaz de deslocar e desfocar as lentes com que se lê, em geral, a história da literatura brasileira a partir de 1922.

Com relação ao estabelecimento dos textos selecionados, tomaram-se como base os manuscritos e datiloscritos, quando eles se fazem presentes; a primeira edição no caso de obras póstumas (*Memórias do cárcere*, *Alexandre e outros heróis*, *Linhas tortas*, *Garranchos* e *Conversas*); bem como recortes de jornal, sobretudo em se tratando de uma parcela significativa das crônicas e das entrevistas. Sempre que se mostrou possível realizar o trabalho de cotejo, assinalaram-se em notas de rodapé as diferenças encontradas entre as diversas lições/versões de um mesmo texto. Como o

presente volume reúne escritos de diferentes períodos, produzidos, assim, segundo diferentes padrões ortográficos, optou-se por uniformizar as grafias, tomando como base as regras preconizadas pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Em conformidade com a tradição iniciada com o livro *Garranchos* (2012), e desdobrada em *Cangaços* (2014) e *Conversas* (2014), investiu-se na elaboração de inúmeras notas de rodapé que apresentam o fito de, a um só tempo, situar os leitores contemporâneos e restituir os debates do tempo da publicação inicial de cada escrito. Múltiplos e singulares, estes textos se enquadram em diferentes espécies literárias e, publicados em contextos socioculturais diversos, percorrem um arco temporal de mais de 25 anos na primeira metade do século XX, momento do desenrolar e das encruzilhadas do modernismo de 1922.⁵

Thiago Mio Salla & Ieda Lebensztayn

Novembro de 2021

APRESENTAÇÃO

RAMOS INTRINCADOS DE UM ANTIMODERNISTA

Thiago Mio Salla & Ieda Lebensztayn

Graciliano Ramos nunca escondeu suas críticas ao modernismo de 1922. Seus posicionamentos contrários a tal movimento se apresentaram de modo constante e contundente nos diferentes gêneros textuais que praticou, isto é, desde a intimidade das cartas, passando pela vocalização pública das crônicas e entrevistas, até chegarmos a páginas mais elaboradas de suas memórias e seus esboços de textos ficcionais. Aliás, nesse último grupo de produções, um manuscrito inédito e inacabado, hoje perdido, destaca-se por seu caráter sintético e revelador do modo como o autor de *Vidas secas* encarava o “sarapatel medonho” modernista. O texto pode ser definido como uma de suas tentativas falhadas de produzir um romance ambientado no Rio de Janeiro, ao decidir se fixar na capital carioca após sua saída da prisão, em 1937. No texto, avulta a figura de João Pinho, um narrador em primeira pessoa, espécie de *alter ego* de Graciliano, que trata das agruras de um escritor vivendo numa pensão situada num lugar pobre e sórdido. No *continuum* da literatura brasileira, ele assim se apresentava:

Sou um desses, aparecido no fim da confusão modernista. Havia-se deitado abaixo muito medalhão, quebrado pés de barro, e as figuras que no princípio do século mereciam respeito mergulhavam no esquecimento ou cobriam-se de ridículo. Depreciada a sintaxe, desprestigiadas a métrica e a rima, achávamos o campo livre, um campo onde os vencedores, avultando sobre os mortos, aparentavam alturas excessivas. Tinham-se consumido na derrubada quase dez anos de xingações a todas essas velharias.

Acadêmicos e gramáticos, desnorteados, já sem ânimo de resistir, lamentavam-se baixinho e, alguns, não querendo aceitar o labéu de passadistas e retrógados, conformavam-se publicamente com as inovações bárbaras, elogiavam o solecismo e a cacofonia.¹

Nesse pequeno recorte de uma aventura ficcional interrompida, encontram-se alguns lugares-comuns insistentemente presentes nos diferentes textos em que Graciliano tratou do modernismo: o caráter simplesmente destruidor do movimento, cujo único mérito teria sido preparar o terreno para os romancistas de 1930; a refundação oportunista do cânone literário, proposta que, se por um lado limou medalhões, por outro promoveu injustiças, elevando de modo rápido e muitas vezes imerecido os bárbaros vencedores; o fato de a “confusão” ter perdurado apenas de 1922 a 1930 (“quase dez anos”), o que eximia o romancista alagoano de um possível enquadramento como modernista (*Caetés*, seu primeiro romance, embora escrito desde meados dos anos 1920, data de 1933); a depreciação de uma dicção literária mais purista, reduzida a velharia e a passadismo; e, como contrapartida, o privilégio para inovações linguísticas que, em contraposição aos preceitos da gramática tradicional, promoviam toda sorte de equívocos e corruptelas.

Assim, desde uma missiva enviada a um amigo em agosto de 1926, primeira manifestação do autor a respeito da dita “língua paulista” dos modernistas, até uma de suas últimas aparições públicas, em mesa-re-

donda sobre marxismo e linguística promovida pela revista de orientação comunista *Para Todos*, em dezembro de 1951, o autor de *Vidas secas* se volta contra o modernismo, contra as propostas e experiências estéticas preconizadas pelo movimento. Se na carta Graciliano (naquele momento com 34 anos e nenhum livro publicado) ironiza não ter compreendido um poema de Mário de Andrade, na conferência ao final da vida, já consagrado e vendo a morte se avizinhar, o escritor se mostra muito mais enfático em suas críticas. E, considerando-se suas diferentes manifestações entre tais balizas, que abarcam um arco temporal de mais de 25 anos, pode-se dizer que Graciliano travou uma espécie de cruzada antimodernista, a qual ganha corpo, sobretudo, quando ele se estabelece no Rio de Janeiro e passa a participar de modo mais intenso dos debates literários em curso no país.

De fato, nessa longa refrega, um de seus alvos preferenciais concentrou-se na leitura do cânone proposta pelos artistas do grupo de 1922. Segundo o autor alagoano, tais literatos “cabotinos” passaram a condenar, de forma apressada e sem o devido exame, determinadas obras simplesmente pelo fato de terem sido escritas em “português direito”, promovendo a ideia de que sintaxe e bom gosto seriam incompatíveis. “Liberdade. Carta de alforria. Abaixo o galego. Os direitos do homem. Caímos no exagero. Desejando libertar-nos, reforçamos a dependência escrevendo regularmente contra as normas.”² Em entrevista a Homero Senna, Graciliano incluía no rol de censuras ao processo de reinterpretação do passado empreendido pelos modernistas a ideia de que eles teriam se valido de má-fé e desonestidade ao definirem, de maneira arbitrária e interessada, as obras e escritores nacionais que mereciam ser esquecidos:

Os modernistas brasileiros, confundindo o ambiente literário do país com a Academia, traçaram linhas divisórias rígidas (mas